



VERNEY E A QUESTÃO DO ILUMINISMO EM PORTUGAL

Eduardo Teixeira de Carvalho Júnior
Faculdades Radial

Resumo: Representações do espírito iluminista em Portugal no século XVIII não correspondem aos parâmetros de uma esfera pública habermasiana, mas esforços isolados na tentativa de constituí-la. Verney, o iluminista português estrangeirado, o crítico da cultura portuguesa setecentista, passou a maior parte de sua vida em Roma, de onde assistia ao atraso das idéias na comunidade letrada portuguesa. O espírito crítico não criou raízes em Portugal. Nenhum dos fenômenos associados ao Iluminismo teve expressividade em terras lusitanas, fenômenos estes representados pela suposta descoberta do homem mediante a razão e a expansão da comunidade de críticos através de clubes, salões, folhetos e jornais. Essa relação entre cultura e sociedade, abstrato e concreto, constitui uma articulação tensa, à qual Habermas atribui uma mudança estrutural da esfera pública. As idéias modernas chegaram a Portugal, porém não se desdobraram em debates e discussões públicas, ficando restritas a alguns focos isolados. Focos ilustrados pelos representantes deste movimento. Representantes como Verney, cujo projeto era tirar Portugal de seu atraso, ou seja, iluminá-lo.

Palavras-chave: Iluminismo; Verney; Portugal.

Abstract: Representations of the Enlightenment spirit in Portugal during the XVIII century do not correspond to the parameters of a public "Habermasian" sphere, but isolated efforts in an attempt to get it constituted. Verney, the Portuguese enlightenment thinker, critic of the Portuguese culture during the eighteenth-century, spent most of his life in Rome. Where he watched the delay of the ideas in the Portuguese literate community. The critic spirit did not create roots in Portugal. The Enlightenment associated phenomenon had irrelevant effect in Portuguese lands. Such phenomenon, represented then by the discovery of man by reasoning and the community expansion of critics by clubs, parlors, magazines and journals. This relation between culture and society, the abstract and the concrete, constitute a tense articulation, to which Habermas attribute a structural change in the public sphere. Modern ideas arrived in Portugal. However, they did not unfold debates and public arguments, restricted to a few isolated spots. These spots are illustrated by the representatives of this movement. Representatives as Verney, whose project was removing Portugal from its delay, enlightening them.

Keywords: Enlightenment; Verney; Portugal.

Saem à luz, Reverendíssimos Padres, as cartas de um autor moderno, as quais até agora correram manuscritas por algumas mãos; mas, chegando às minhas, e conhecendo eu que podiam utilizar a muitos, me resolvi imprimi-las. O argumento delas é este : Certo Religioso da Universidade de Coimbra, homem mui douto, como mostra nas suas cartas, pediu a um Religioso Italiano, seu amigo, que vivia em Lisboa, que lhe desse algumas instruções, em todo o gênero de estudos, o que dito Barbadinho executa em algumas cartas, explicando-lhe, em cada uma, o que lhe parece, e acomodando tudo ao estilo de Portugal. Este autor escreveu-as sem ao menos suspeitar que se poderiam imprimir, como consta de alguns períodos destas, que não imprimir, e de outras que conservo, em que declara com mais individuação o motivo desta correspondência, e explica várias coisas que aqui não se acham. Onde, para consolar o dito autor, que não sei se ainda vive, e fazer o que desejava, não imprimiri senão as que me pareceram necessárias; e ainda nestas ocultei os nomes dos correspondentes e de algumas pessoas, que nelas se nomeavam, parecendo-me justo e devido não revelar os segredos das correspondências particulares, principalmente quando podia conseguir o fim de utilizar o Público sem prejuízo de terceiro. As cartas encadeiam tão bem umas com outras, que se podem chamar um método completo de estudos.¹

A idéia central do presente trabalho é observar a possibilidade de uso do conceito de “esfera pública literária”² para Portugal do século XVIII, e dessa forma, analisar a inserção da cultura

1 Carta de apresentação do impressor António Balle da obra Verdadeiro Método de Estudar, de Luis Antonio Verney, publicada em 1746 em Portugal.. Estudos Linguísticos, v. 1, p.2.

2 Procuramos entender o Iluminismo associado ao conceito desenvolvido por Habermas de “esfera pública literária”. Este posicionamento teórico, que será explorado no primeiro capítulo deste trabalho, parte do princípio de que a



portuguesa no processo de mudanças do século XVIII. Nesse sentido, buscamos relacionar alguns aspectos centrais do Iluminismo dos grandes centros europeus, enfocando o caso português, tanto no que se refere ao pensamento quanto à dimensão social do movimento. Para refletir sobre essa questão, é apresentado Luís Antônio Verney, que, conforme a historiografia, teve um papel central nesse processo em Portugal e sua obra o Verdadeiro Método de Estudar, é contextualizada dentro do quadro geral do pensamento europeu do século XVIII.³

A partir do século XV, inicia-se um processo de reformulação do pensamento em toda a Europa. Acompanhado da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, este conjunto de transformações culminará com a “era da modernidade”. Da Renascença ao Iluminismo, a grande multiplicidade de temas ampliou o horizonte de idéias sobre o mundo, os homens e suas relações. Embora aparentemente dispersiva, essa multiplicidade de temas partia de um elemento comum: a razão.⁴

No que se refere ao campo das idéias, esse processo, que culminaria com o movimento denominado Iluminismo, tinha como característica principal a crítica da autoridade, da tradição cultural e institucional, fazendo uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos da sociedade. Sobre este aspecto, Robert Darnton, especialista do século XVIII, comenta sobre a percepção confusa do conceito de Iluminismo: “O Iluminismo inflado pode ser identificado com toda a modernidade, com quase tudo o que se agrupa sob o nome de civilização ocidental, e assim pode ser responsabilizado por quase tudo que causa descontentamento, especialmente nos campos dos pós-modernistas e antiocidentalistas.”⁵

Na gênese desse processo, a península Ibérica possui uma especificidade cultural e política, associada ao longo contato com o Islã e com a Contra-Reforma. Houve uma grande resistência às idéias dos chamados modernos.

Essa particularidade levaria a uma estreita relação entre os domínios político e religioso, de tal sorte que Espanha e Portugal teriam se fechado sobre si mesmos, negando a modernidade que nascia. Em relação ao posicionamento de Portugal perante a cultura européia do Renascimento, Dias compreende o problema da seguinte forma: “A cultura portuguesa não ficou completamente à margem desta corrente de idéias e conhecimentos. O que se tem dito em contrário é, quando menos exagerado. Ficou porém, à margem do ambiente que a tornou possível e do espírito que a caracteriza.”⁶

Pela sua importância e complexidade, esta questão tem suscitado interpretações várias, até mesmo contraditórias. Na historiografia do assunto, é muito comum o uso do conceito de modernidade associado a Portugal do século XVIII, sobretudo contextualizado ao período

instância das idéias possui estreita relação com as práticas sociais. A “esfera pública literária” encontra as suas instituições nos cafés, nos salões e nas comunidades de comensais. De acordo com Habermas, é condição sine qua non para o desenvolvimento de um espaço público de crítica. Provavelmente Habermas utilizou o conceito de “República das Letras”, expressão comum entre os filósofos do século XVIII, para refletir sobre a estrutura social que estava por traz do Iluminismo. Cf. HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p.42-68. Habermas tem sido referenciado por historiadores que investigam a História do Conhecimento. Peter Burke estende o conceito de “esfera pública” para outros momentos da História, como é o caso da China, por exemplo, e para outras matrizes sociais do conhecimento, nos lembra sobre a ligação entre o conhecimento e práticas sociais e a importância dos elementos que possibilitavam um elo entre idéias e indivíduos. Cf. BURKE, Peter. Uma História social do Conhecimento. p. 59, p. 51-52. BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro : Jorge Zahar , 2004. p. 81.

3 Para Silva Dias, o obra de Verney teve o mesmo papel do discurso cartesiano na França, que marcou a oposição entre o moderno e o novo no pensamento europeu. Cf. DIAS, José Sebastião da Silva. Portugal e a Cultura Européia. Coimbra Editora: Coimbra, 1952. p. 204.

4 CASSIRER, Ernst. Filosofia de la Ilustracion. México : Fondo de Cultura Economica, 1963. p.21.

5 DARNTON, Robert. Os dentes falsos de George Washington : um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. p.25.

6 DIAS, op.cit., p.70.



pombalino.⁷ A idéia de um projeto político conduzido por Pombal e seus colaboradores levaria a historiografia a pensar Ilustração e governação pombalina como indissociáveis.⁸ Queria-se uma cultura moderna, sob a égide do Estado secular, sustentada por uma base espiritual religiosa.⁹

Havia um conflito entre a autoridade epistemológica, sustentada na palavra de Deus tutelada pela Igreja, e a autoridade baseada na razão, tutelada pela “República das Letras”. Ou seja, um conflito entre fé e razão, reivindicando a noção de verdade. Na Idade Média, a natureza era criação de Deus. Portanto, a lei divina, através das escrituras, era capaz de restituir ao homem o verdadeiro conhecimento de si e das coisas. Através de um processo histórico complexo, houve uma mudança desta ênfase em que o homem passou a ver Deus como uma expressão da natureza.¹⁰ Essa transformação abriu um novo caminho para o homem, através de um novo olhar sobre a natureza, passando a fazer uso da observação e de instrumentos criados para esse fim. Isso permitiu conclusões inéditas, como o sistema heliocêntrico de Copérnico, Idéias que, no entanto, estavam em desacordo com os pressupostos de uma visão aristotélica do mundo. Esse novo posicionamento se tornou uma ameaça constante à autoridade da Igreja. Mesmo assim, havia certa liberdade que possibilitou a proliferação e difusão dessa nova forma de conhecimento.

Estudos históricos e filosóficos têm destacado centros da Europa que promoveram as obras mais notáveis desse período, lugares onde teria ocorrido maior liberdade. Roma, que deveria servir como referência de autoridade, não se mostrou totalmente eficiente no controle dessas idéias. Na capital da Igreja, o jesuíta Boscovisch produziu idéias muito originais a partir do sistema newtoniano em 1748, em pleno século XVIII.¹¹ O que aponta para outra particularidade interessante deste problema: como o poder a Igreja, no seu próprio centro, permitiu a existência de idéias tão avançadas? Como explicar esse paradoxo? Poderíamos afirmar que o debate iluminista aconteceu em toda a Europa?

Verney, voz dissonante dentro da cultura letrada portuguesa do século XVIII, poderia ser caracterizado como um iluminista estrangeirado. Sua obra, *Verdadeiro Método*, publicada em 1746, influenciou a Reforma da Universidade de Coimbra e causou grande impacto na comunidade letrada portuguesa. Trata-se de um conjunto de cartas endereçadas a uma pessoa desconhecida pela História, provavelmente um funcionário da corte. Demonstrando profunda inserção nas principais discussões da época, propõe uma reforma pedagógica de ensino, o que fatalmente significaria uma crítica aos métodos escolásticos dos jesuítas:

Devo, porém, nesta primeira carta, fazer algumas protestas.

Primeira: Que eu não acuso ou condeno pessoa alguma deste Reino. Se às vezes não agradam as opiniões, nem por isso estimo menos os sujeitos e autores. Distingo muito o merecimento pessoal, do estilo de cada um ou método que observa; e posso fazer esta separação, sem ofender pessoa alguma. Esta reflexão, para V.P., é supérflua, pois conhece mui bem o meu ânimo, e sabe que eu só pego na pena para lhe dar gosto. Mas, porque poderá ler esta carta a algum ignorante ou malévolo, que entenda que eu, dizendo o que me parece dos estudos, com isto digo mal da Religião da Companhia de Jesus, que neste Reino é a que principalmente ensina a Mocidade, devo declarar que não é esse meu ânimo. Eu venero esta Religião doutíssima, por agradecimento e por justiça.¹²

7 Cf. GAUER, Ruth Maria Chittó. *A modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772*. Porto Alegre : Edipucrs, 1996.

8 Ibid. , p. 332. Sobre este aspecto ver também. MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal : paradoxo do iluminismo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996.

9 Ibid. , p.430.

10 HAWTHORN, Geoffrey. *Iluminismo e Desespero: uma história da Sociologia*. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1982. p.35.

11 CASINI, Paolo. *Newton e a Consciência Européia*. UNESP: São Paulo, 1995.

12 Esta é uma das primeiras observações colocadas na introdução das cartas, sobre os verdadeiros propósitos de Verney: V.M. V I. *Estudos Lingüísticos*. p. 21. Segundo DIAS, não foi a hostilidade aos jesuítas que motivou seus escritos, mas a adesão a um novo ideário cultural - admitido em Roma -, como repetidamente observa nos seus escritos (Cf.



Verney viveu a maior parte de sua vida em Roma, como representante português na corte papal. Nas cartas, percebem-se o desejo de iluminar a cultura portuguesa, e a relação tensa entre identidade e alteridade, mostrando-se um típico cosmopolita da época. Possivelmente, as idéias defendidas por Verney representavam as de certo grupo de pensadores reformadores portugueses.

Iluminismo e Ciências Sociais

A História, ao longo do século XX, ampliou a discussão sobre a sociedade do Iluminismo, procurando compreender aquela nova visão de mundo combinada com as novas formas de sociabilidade que acompanharam este despertar da humanidade.¹³ “Mas chegou a hora de ver o Iluminismo com um olhar mais ligado à terra, porque, enquanto os historiadores das idéias mapeavam a vista de cima, os historiadores sociais estavam escavando em profundidade os substratos das sociedades do século XVIII.”¹⁴

As tentativas de compreender a dimensão social da experiência dos filósofos do Iluminismo, como aponta Darnton, alinham-se ao gênero História Social das Idéias. Houve uma descoberta do homem, ou foi uma nova configuração social que possibilitou o Iluminismo? Perguntamos se as novas idéias que surgiram nessa época estão mais relacionadas à genialidade individual dos homens do século XVIII ou, quem sabe, ao “espírito da época”, ou foram as novas formas de sociabilidade que promoveram a emergência de novos pensamentos.

No entanto, percebemos que a produção de estudos sobre a questão do Iluminismo tem progredido de forma compartimentada. Diferentes historiografias nacionais tem se desenvolvido isoladamente. “A Filosofia do Iluminismo”, de Cassirer, só foi traduzida para o francês em 1966, e não deixou muitas marcas no estudo francês do Iluminismo desde sua publicação original em alemão, em 1932. Darnton aponta para o isolamento das linhas de interpretação do Iluminismo.¹⁵ A escola dos Annales na década de 1970 praticamente ignorava a obra de Peter Gay,¹⁶ e vice-versa.¹⁷ O mesmo poderia ser comentado a respeito da obra de Koselleck¹⁸, “Crítica e Crise”, que só veio a ter publicação francesa em 1979. Este e outros fatores não têm contribuído para um conceito de Iluminismo mais consistente.

A História Cultural, no entanto, como demonstra Chartier, tem se esforçado em promover um diálogo com sociólogos, como Habermas: “No coração do século XVIII, mais cedo ou mais tarde, em um ou outro lado, surge uma “esfera pública política”, chamada também de “esfera pública burguesa”, duplamente caracterizada. Do ponto de vista político, define um espaço de discussão e de crítica independente da influência do Estado e crítico com respeito aos atos e

VERNEY, Respostas às Reflexões, p.79; Parecer, p. 4-6), o que o levou a escrever o Verdadeiro Método da maneira que o fez. Cf. DIAS, op.cit., Nota R, p.282.

13 Uma vez que o Iluminismo de alguma forma esta ligado à História da Ciência, observa-se também uma aproximação desta com a Sociologia, como COSER afirma: “Es problabe que hoy pocos conocedores vean la história de la ciência moderna como la de una serie de genios en soledad haciendo descubrimientos. Ahora se reconoce generalmente que la empresa científica se desarrolló dentro de una comunidad científica y dentro de un escenario institucional.” Cf. COSER, Lewis A. Hombre de Ideas: el punto de vista de un sociólogo”. México: Fondo de Cultura Econômica, p. 42. Da mesma forma, KUHN: “A mesma pesquisa Histórica, que mostra as dificuldades para isolar invenções e descobertas individuais, dá margem a profundas dúvidas a respeito do processo cumulativo que se empregou para pensar como teriam se formado essas contribuições individuais à ciência”. KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1982. p.21.

14 DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.198.

15 DARNTON, op.cit., p.198-199.

16 GAY, Peter. The Enlightenment: an interpretation. New York, 1969.

17 Op.cit., p.198-199.

18 KOSELLECK, Reinhart. Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: EDUERJ ; Contraponto, 1999



fundamentos deste.¹⁹ Da mesma forma, ele aponta como o trabalho sociológico de Norbert Elias se harmoniza com seus questionamentos: A questão de saber de que maneira e por que razão os homens se ligam entre si e formam em conjunto grupos dinâmicos específicos (....) ou (...) as redes de inter-relações, as interdependências, as configurações²⁰

Autores como os já citados Habermas e Koselleck, acima de tudo, procuraram entender o Iluminismo não apenas como um movimento intelectual isolado, mas interligado a um movimento social. A esfera pública burguesa, proposta por Habermas, surgiu historicamente no contexto de uma sociedade separada do Estado, a medida que as “formas privadas” de socialização passaram a ter um caráter público. A esfera pública burguesa é uma configuração específica do conjunto das formas privadas de intercâmbio social do Antigo Regime.

O mesmo sentido é dado por Koselleck quando afirma que o “Iluminismo triunfa na medida em que expande o foro interior privado ao domínio público. Sem renunciar à natureza privada, o domínio público torna-se o fórum da sociedade que permeia todo o Estado”.²¹ Crítica e Crise está relacionada com a utópica filosofia da História protagonizada pelos iluministas, que se materializou com a Revolução Francesa. A partir daí, estabeleceu-se um estado permanente de crise. O Iluminismo, segundo Koselleck, propagou-se numa brecha que o Estado Absolutista abriu para pôr fim à guerra civil, criando a divisão da realidade histórica em um reino da moral e um reino da política. A crítica, na sua essência, possui uma relação fundamental com esta concepção de mundo dualista. Duas formações sociais marcaram de maneira decisiva a época do Iluminismo: a república das letras e as lojas maçônicas.

Koselleck denuncia a História das Idéias e separa apenas os discursos que se coadunam com um determinado sentido histórico.²² O problema é deslocado para as formas de sociabilidade, e não sobre uma ontologia do pensamento humano. A dispersão e o volume de obras dá lugar a apenas alguns autores que sustentam um modelo explicativo, o de que o Iluminismo possibilitou a justificação do Absolutismo e ao mesmo tempo provocou a sua destruição.

Teria havido uma matriz social específica, relacionada com o Iluminismo? As estruturas sociais da esfera pública se configuram a partir da cidade - espaço por excelência burguês²³ assegurada pelas novas modalidades de sociabilidade que vão, pouco a pouco, se sobrepondo à corte: os cafés, os salões burgueses, as academias de ciência, as lojas dos maçons. Esses novos espaços – que adquirem uma função social da crítica - são interligados pela imprensa, instituição nuclear da esfera pública literária.²⁴ Independentemente de esta concepção de público ter ou não sido concretizada na realidade, como o próprio Habermas reconhece, o que importa sublinhar é sua potencialidade como espaço de crítica.²⁵ “Por outro lado, só mediante a apropriação crítica da filosofia, da literatura e da arte é que também o público chega a se esclarecer, até mesmo a se entender como processo vivo do Iluminismo”.²⁶

A base dessa nova organização social é composta por um conjunto de elementos comuns. Em primeiro lugar, uma igualdade de *status*. Em segundo, a problematização dos temas de

19 CHARTIER, Roger. Espaço Público, Crítica y Desacralización en el siglo XVIII. Barcelona: Gedisa,, 1995. p.33.

20 CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. p.100. O capítulo 3 “Formação social e habitus: uma leitura de Norbert Elias,” é todo dedicado a Norbert Elias. O próprio prefácio da edição brasileira da obra de Elias “Sociedade de Corte” é escrito por Chartier. cf. ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

21 Ibid., p.49.

22 A ocidentalização do planeta pela burguesia e o estado permanente de crise entre ser e dever ser.

23 HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p.58

24 Para haver uma esfera pública política, é necessário primeiramente o surgimento de uma esfera pública literária. Ibid., p.46

25 Ibid., p.52

26 Ibid., p.38



exclusividade do clero e da nobreza. E, por último, a democratização do acesso à cultura, uma vez que esta passa a se projetar também como mercadoria.²⁷

À medida que a esfera pública avança no âmbito do consumo, com a subordinação do jornalismo literário à economia de mercado, banaliza-se o intercâmbio social, pela ausência de uma intermediação literária. O Iluminismo vincula-se à Esfera literária, enquanto esta estava afastada da reprodução social. Nessa perspectiva, ele seria o elo perdido que liga a gênese da sociedade burguesa até seu triunfo final com a Revolução Francesa. Aqui o Iluminismo teria uma realidade histórica situada, aquela que possibilitou um mundo de escritores/leitores e, depois, foi suprimida pela decadência da esfera pública literária, quando a cultura é apropriada pelo mercado.²⁸ A cultura burguesa não era mera ideologia. Porque o raciocínio das pessoas privadas nos salões, clubes e associações de leitura não estava subordinado de modo imediato ao ciclo da produção e do consumo...²⁹

Habermas procura diagnosticar os limites do programa iluminista proposto por Kant: a construção de um espaço público a partir da participação de cada um como escritor e leitor dentro de um mundo de idéias e opiniões. A Ilustração seria um processo por meio do qual cada um, potencialmente, passa a intervir propondo idéias frente a um público que lê. O que tem se debatido são os limites deste projeto em termos práticos. Para Adorno e Horkheimer, a Razão, na qual se depositavam as bases do projeto Iluminista, passou a ser instrumentalizada a favor da opressão e da barbárie.

A investigação histórica das possibilidades de apropriação cultural em diferentes sociedades faz parte de nosso problema, sobretudo porque busca compreender a circulação multiplicada do escrito impresso nos séculos XVII e XVIII e como isso modificou as formas de sociabilidade, constituindo uma “esfera pública literária”.

A “esfera pública literária” define uma modalidade alternativa de representações a parte do âmbito institucionalizado do poder político. No entanto, quando pensa sobre o texto de Kant “O que é Ilustração”, Chartier caracteriza um público não só a partir das novas formas de sociabilidade intelectual como os cafés, clubes, sociedades e lojas, nem do ideal de cidade antiga protagonizada pelos gregos, mas por meio do texto escrito.³⁰ Porque o texto, em última instância, é a interseção entre o plano das idéias e a matriz social respectiva. O elemento que possibilita dar um sentido coerente para este conceito de Iluminismo que estamos propondo é a crítica na sua expressão de “formas de leitura”, ou seja, como determinadas idéias são apropriadas e retransmitidas.

Portanto, consideramos Iluminismo como um processo caracterizado pela representação crítica de idéias materializadas sob a forma de texto, mas que não existe sem a sua componente social, a publicação de livros e impressos, juntamente com os cafés, salões e academias. Insistimos sobre a importância da componente social do conceito, pois ela está diretamente relacionada com as condições de existência de uma idéia para o campo da História, que se materializa em documento. A existência de apenas uma destas componentes não confere a plenitude do movimento do Iluminismo, comprometendo de alguma forma a sua natureza crítica.

27 Ibid., p.51

28 Habermas não trabalha com um corte cronológico específico, porém, quando comenta a subordinação da cultura impressa ao mercado, comenta o Cobbet's Political Register (1816) quando passou a imprimir 50.000 exemplares, constituindo-se no primeiro jornal com uma grande tiragem. op.cit., p.199

29 op.cit., p.190

30 CHARTIER, Roger. *Espacio Público, Crítica y Desacralización en el siglo XVIII*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995. p33. e.39



O ambiente intelectual português

Tendo em vista o conceito de Iluminismo que adotamos e a questão cultural ao longo do século XVIII português, percebe-se que estudos sobre as práticas da leitura só têm surgido muito recentemente. Para compreender a mentalidade portuguesa do Setecentos, é de suma importância alargar o inventário das formas de acesso ao livro. Em Portugal, a maioria das obras dos pensadores modernos penetrava por via de estrangeiros, ou por portugueses que viajavam para outras regiões da Europa – chamados estrangeirados.

A casa dos Ericeiros, em frente de S. José da Anunciada, foi o primeiro cenáculo "esclarecido" português.³¹ Nos últimos anos do século XVII, funcionou na casa dos Condes de Ericeira uma espécie de Academia, chamada discretos. As pessoas que freqüentavam esta casa eram, na sua maioria, estrangeiros, como o sábio francês António de Jussieu, da Académie de Sciences de Paris, e Bluteau, nascido em Londres de pais franceses. Bluteau estudou na França, e a sua chegada a Lisboa remonta a 1656, e lá morreu em 1734.

Na historiografia, a palavra cenáculo amiúde designa grupos de intelectuais que se reuniam para discutir e trocar idéias.³² Antigamente, cenáculo significava a sala onde se comia a ceia ou o jantar. Posteriormente, os historiadores perceberam que nestes grupos se discutiam as novas idéias que provinham de outros cantos da Europa. Geralmente, tratava-se de reuniões entre nobres, na sua maioria estrangeiros. Talvez fosse o gérmen de uma pequena esfera pública literária, que não conseguiu se manter por muito tempo, dissipando-se.

Do cenáculo do Conde de Ericeira à fundação da Academia das Ciências de Lisboa em 1780, houve uma difusão das Luzes em Portugal, produzindo uma série de reformas institucionais. Esse "Iluminismo Reformista" está intimamente associado à hegemonia do clero e da nobreza. Sendo assim, a renovação da cultura portuguesa no século XVIII deve-se, quase exclusivamente, à influência dos estrangeiros e estrangeirados:

A primeira metade do século XVIII foi teatro de uma luta intensa entre o elemento cosmopolita e o elemento sedentário da nação. Ao mesmo tempo que a diplomacia facultava a muitos portugueses a descoberta de idéias, dos costumes e da política em vigor na Europa de além Pireneus; aportavam ao Tejo alguns forasteiros que traziam consigo os rudimentos do saber universal.³³

Alguns estrangeiros tiveram a iniciativa de introduzir as idéias de Newton. Castro Sarmiento, por exemplo, enviou a Lisboa, com dedicatória ao Rei, o manuscrito de uma Chronologia Newtoniana Epitomizada. A corte, porém, recebeu estas obras sem qualquer testemunho de interesse, pelo menos aparente, pois nunca foi publicada.³⁴ Em 1744, publica-se a Lógica Racional Geométrica e Analítica de Azevedo Fortes. É o primeiro livro de caráter didático e sistemático modelado pelos padrões europeus.³⁵ Nele encontram-se fortes traços de Cartesianismo.³⁶

Outra tentativa de estabelecimento de uma esfera pública foram as conferências promovidas por Teodoro de Almeida sobre física experimental. Essas reuniões eram freqüentadas por um grande número de pessoas – geralmente pessoas da corte e homens ilustrados. Destaca-se o impacto que estas conferências causavam; além de seu caráter lúdico, eram uma moda cultivada em toda a Europa. Almeida sofreu várias críticas, como as publicadas sob o pseudônimo de Paulo Amaro, com seu *Mercúrio Filosófico*. A maioria de suas críticas não possuíam uma fundamentação mais

31 DIAS, Portugal e a cultura européia, op.cit, p.105

32 idi.

33 Ibid. , p.118.

34 Ibid. , p.125.

35 Ibid. , p.132.

36 Ibid. , p.134.



elaborada; abordavam principalmente o estilo pouco convencional das conferências, sem perceber que os resultados das experiências denunciavam a visão aristotélica do mundo:

...tudo o que agora se reclama de novo tinha sido dito por Aristóteles, como o que dizia respeito ao som, à luz ou à cor, de que Aristóteles tinha dado uma correta definição física e agora se vendia por novidade nas palestras das Necessidades.³⁷

Em Portugal, existiram também as Academias de Ciências,³⁸ embora em circunstâncias específicas decorrentes de uma ambiência cultural própria. Proliferaram nos séculos XVII e XVIII, mas geralmente as tentativas não perduravam e, quase exclusivamente, eram de pendor literário ou religioso.³⁹ Comparadas com as de outros países da Europa, não tiveram especialização científica. A empresa de maior notabilidade foi a Academia de Ciências de Lisboa, cuja primeira reunião se deu em 1780, à qual compareceram vários portugueses.

Foi a publicação do Verdadeiro Método que colocou de forma explícita o magno conflito entre a cultura livre e a cultura das escolas. A polêmica em torno da publicação dessa obra constitui um momento particular da História das Idéias em Portugal, e ilustra bem o debate entre o velho e o moderno durante o século XVIII português. Sendo que a tendência na gestão pombalina é de diminuição progressiva da presença do clero, identificado com o regalismo. O auge desse movimento se dá com a expulsão dos jesuítas em 1759 e com a Reforma da Universidade de Coimbra em 1772, sob o ministério do Marquês de Pombal. No entanto, parece que a história desse movimento reformista não veio acompanhada por um espaço crítico de discussão. Observaremos mais tarde que, em torno das polêmicas do Verdadeiro Método de Estudar de Verney, não há um “uso público da razão”, de acordo com o conceito kantiano. O que predomina é a autoridade e não o

37 Mercúrio Filosófico. Com a destruição da casa do Espírito Santo, sede da Congregação Oratório de Lisboa na ocasião do terremoto de 1755, ela foi transferida ao hospício das Necessidades, onde prosseguiu as suas atividades normais. Isso fez com que ficasse associada a Casa das Necessidades. Com a sua reedificação em 1792, os oratorianos se dividiram em duas facções, cujas divergências iriam favorecer mais tarde à casa original. No entanto, esse fato viria a enfraquecer a imagem de prestígio da Congregação, principalmente pelo esvaziamento ocorrido mais tarde. Apesar disso, continuaria a atrair os jovens. Apud. DOMINGUES, Francisco Contente. Ilustração e Catolicismo : Teodoro de Almeida. Lisboa : Colibri, 1994, p.77 -78.

38 No século XVIII, surgiu em regiões como Inglaterra, França - e reinos que hoje fazem parte da Alemanha e Itália -, institucionalização de entidades coletivas particulares ou oficiais que se dedicavam à investigação e à divulgação científica, as Academias de Ciência. Uma das primeiras foi a Academia dei Lincei, fundada em Roma no ano de 1603 pelo duque de Acqua-Sparta, que registrou as contribuições de Galileu Galilei. Geralmente estas academias iniciavam-se a partir de reuniões esporádicas até serem oficializadas, como a Royal Society. Além das reuniões eram publicados periódicos como o Philosophical Transaction da Royal Society e o Journal de Savants. Isso aumentaria a capacidade e rapidez de circulação de idéias científicas pela Europa. No século XVIII, estas academias terão cada vez mais destaque dentro da sociedade. De forma geral, defendiam a prevalência da experiência e da razão sobre a autoridade constituída como critérios de investigação e de análise em harmonia com o espírito racional das Luzes. Também se preocupavam com o sentido utilitário do conhecimento científico e das aplicações tecnológicas possíveis, como na navegação, novas formas de energia motora, melhoria das técnicas agrícolas. As Academias de Ciência difundiram a modernidade pelos salões, saindo do âmbito dos filósofos para uma elite constituída por nobres, médicos e oficiais do exército. Estes espaços contribuíram para a secularização da sociedade e foram alvo de crítica de conservadores em função da falta de formalismo com que tratavam determinados assuntos. Geralmente, eram iniciativas que partiam de um restrito grupo de nobres, como o conde de Ericeira. Havia forte presença de estrangeiros em meio a essas iniciativas, como a do inglês Luis Baden em 1725, de autoria de um folheto de divulgação de um curso intitulado “Notícias da Academia, ou curso de filosofia experimental”. O curso não teve muito sucesso, apesar de se terem difundido pela primeira vez as doutrinas de Robert Boyle e Isaac Newton, embora sem qualquer sorte de conseqüências. Associadas às academias, estão as viagens de expedição científica, como a de Alexandre Rodrigues Ferreira que levou uma série de sábios ao Brasil. Na Espanha estas iniciativas tiveram maior vulto. Através desses movimentos, vai se imperando uma apologia da filosofia experimental, traço que também marcará a defesa do modelo de cultura associada à reforma política institucional pretendida por Pombal. Isso se manifestará com a reforma dos estudos menores em 1759 e a da Universidade em 1772. Os novos estatutos pretendiam, acima de tudo, arregimentar novos professores e os meios para que houvesse maior abertura ao saber experimentalista do século em prejuízo dos parâmetros filosófico-científicos da escolástica. p. 119.

39 DOMINGUES, op.cit, p.113



consenso. Dentre diversos fatores que concorrem para este fato, a fragilidade da cultura impressa portuguesa é o mais característico, limitando o debate de idéias, e o processo de “Ilustração”.

A imprensa portuguesa do século XVIII

No que se refere aos meios de publicação em Portugal, os jornais na segunda metade do século XVIII eram em sua maioria frívolos e não possuíam um caráter predominante político. Em geral, reproduziam notícias publicadas semanas ou meses antes por folhas estrangeiras.⁴⁰ Havia pouca participação das elites pensantes em termos de colaboração efetiva, e as técnicas empregadas eram rudimentares. No século XVIII, fundaram-se ao todo trinta e sete jornais⁴¹. Havia grande irregularidade nas publicações, e a circulação era pequena, reduzindo-se praticamente aos assinantes.⁴² No período pombalino, criaram-se dez ou onze jornais, com pouca influência, à exceção da *Gazeta Literária*. Segundo Burke, não menos que 1.267 periódicos em francês foram criados entre 1600 e 1789, 176 deles entre 1600 e 1699 e o restante a partir de então.⁴³ A título de ilustração, veja-se o tratamento dado pela imprensa portuguesa a um dos fatos mais importantes ocorridos em Portugal no século XVIII: no dia de 1º de novembro de 1755, ocorreu o grande terremoto de Lisboa, seguido de um maremoto e de um enorme incêndio, que viria a durar vários dias e que abalou e destruiu parcialmente a cidade de Lisboa, matando e ferindo milhares de pessoas. Cinco dias depois, o semanário *Gazeta de Lisboa*, única publicação periódica portuguesa em circulação na altura, noticiava:

O dia 1º do corrente ficará memorável a todos os séculos pelos terremotos e incêndios que arruinaram uma grande parte desta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem na ruína os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares. (*Gazeta de Lisboa* [GL], nº 45, 1755)

Além da pouca importância dada a esse fato – que projetou Pombal a se consolidar como ministro e reformador⁴⁴-, chama atenção uma notícia de trinta e seis linhas dedicada ao falecimento e enterro de um homem chamado Fr. Joaquim de S.José.⁴⁵ Seria o caso mesmo de questionar sobre o que era um jornal português desse período. Parece mesmo que o terremoto já era notícia entre os portugueses por uma via mais eficaz: os rumores e as “vozes vagas”.⁴⁶ A notícia do terremoto era algo implícito. Esta é a posição de Fernandes quando analisa os meios de comunicação na Espanha até o período das invasões napoleônicas.⁴⁷

40 TENGARRINHA, José. História da imprensa periódica portuguesa. Lisboa: Portugalia, 1995. p.4.

41 Ibid., p.38.

42 Ibid., p. 43

43 Cf. BURKE, Peter. Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. p.51.

44 Com relação a esse aspecto destaca-se o trabalho clássico do historiador português José Augusto França, Lisboa Pombalina e o Iluminismo. A obra adaptada de seu doutorado, procura investigar as influências do espírito do Iluminismo na gestão pombalina a partir da reconstrução de Lisboa. Procura captar em termos de arquitetura e urbanismo, a sensibilidade e o alastramento das idéias modernas na reconstrução da cidade. O seu eixo principal procura responder a duas questões complementares: em que medida a nova Lisboa está em relação aos gostos e necessidades da sociedade portuguesa e em que medida se relaciona ela com a estética do Iluminismo. Através do espírito reformista de Pombal, procura as relações entre uma cidade e uma sociedade, como um modelo o outro e vice-versa. Enfatiza a capacidade de Pombal de tomar decisões rápidas e improvisar soluções que atendessem as necessidades imediatas através de um espírito racional e prático. Cf. FRANÇA, José Augusto. Lisboa Pombalina e o Iluminismo. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

45 TENGARRINHA, op.cit., p.47.

46 Cf. FERNÁNDEZ, Celso Almúñia. Os meios de comunicação na crise do Antigo Regime entre as “vozes vagas” e a dramatização da palavra. In: Antigo Regime e Liberalismo, homenagem a Miguel Artola. Madrid : Alianza Editorial, 1995.

47 BELO, André. A *Gazeta de Lisboa* e o terremoto de 1755: a margem do não escrito. *Análise Social*, Lisboa, v. 34, p. 619-637, 2000. p. 151-152



Talvez o jornal mais crítico de Portugal ao longo do século XVIII tenha sido a *Gazeta Literária*, que infelizmente teve uma existência curta, de julho de 1761 a julho de 1762. Considerado o primeiro processo público de subscrição de livros em Portugal, o lançamento da *Gazeta Literária* ocorre no Porto, em julho de, depois da expulsão dos jesuítas. Contava com a proteção do governador e brigadeiro do Exército João Almada de Melo.⁴⁸ O editor Bernardo de Lima produziu mais de cem extratos de obras, dezenove dos quais traduzidos de outras publicações periódicas estrangeiras. Lamentava a modesta cifra, alegando que na Europa se publicavam anualmente 6.000 livros. Segundo Ana Cristina Bartolomeu Araújo, as publicações da *Gazeta Literária* demonstram a conexão de Portugal com os principais centros de impressão da Europa.⁴⁹

Em novembro de 1761, publicou-se na *Gazeta Literária* um artigo do editor Bernardo de Lima tratando da escravidão, mais especificamente do “comércio que se faz dos homens”. Abordava artigo publicado em jornal estrangeiro, provavelmente inglês, que criticava os males da escravidão. Sem desconsiderar a “útil humanidade” que enobrece a nação inglesa, aponta o inconveniente de ver ameaçada a superioridade que os “Europeus têm alcançado sobre os demais habitantes do mundo”. A seu ver, dar liberdade a um escravo é o pior castigo que se pode dar, pois não conseguem sobreviver e se adaptar às novas condições. Embora critique a metodologia dos castigos, afirma que:

Os pretos que nascem na Europa e se transportam à América para aliviar o trabalho dos Europeus, merecem ainda mais a escravidão, porque nesta melhoram de condição. Antes que principiasse o comércio dos escravos costumavam os negros, que andavam continuamente em guerra uns com os outros, matar todos os seus prisioneiros depois de os fazer experimentar os mais rigorosos tormentos.⁵⁰

Segundo o editor, “Nem a razão, nem a justiça, nem a religião podem desculpar o dar liberdade a uma espécie de gente, que como é moralmente certo, empregarão esta liberdade na destruição dos mesmos que lhe deram”.⁵¹

Bernardo Lima comenta, que se os argumentos ingleses fossem concludentes, deveriam ser libertados os escravos que servem nas colônias britânicas. Se isso ocorresse, provavelmente os habitantes europeus das colônias se tornariam cativos dos escravos. Analisando a hipótese de um homem cujo terreno utilizasse 200 escravos, uma generosa lei abolicionista seria crueldade para este indivíduo, levando-o ao último grau de miséria e de indigência.

Além da crítica ao caráter liberal do artigo deste jornal inglês, parece também haver relação, talvez sutil, com a Lei assinada no dia 19 de setembro por D. José, um mês antes da publicação do artigo, que proibia o comércio de escravos nos portos da metrópole. O texto dessa lei, que só seria publicada no dia 1º de outubro de 1761, deixa bem claro seus propósitos:

Eu El Rey. Faço saber aos que este Alvará com força de Ley virem, que sendo informado dos muitos, e grandes inconvenientes, que resultam do excesso, e devassidão com que contra as Leys, e costumes de outras Cortes polidas se transporta annualmente da Africa, America e Asia, para estes Reinos hum tão extraordinário número de escravos Pretos, que, fazendo nos Meus Dominios Ultramarinos huma sensível falta para a cultura das Terras, e das Minas, só vem a este Continente ocupar os lugares dos moços de servir, que ficando sem comodo, se entregam à ociosidade, e se precipitam nos vícios....⁵²

Apesar de fazer apelo a uma certa moralidade nos costumes associados à escravidão, esta lei parece propor que o tráfico de mão-de-obra escrava feito nos domínios do Reino deveria ser canalizado para a produção agrícola e mineira do Ultramar. Além disso, solucionava o problema do

48 ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu. Modalidades de Leitura das Luzes no Tempo de Pombal. Revista de História. Porto, v. 10, p.107, 1990.

49 Ibid., p. 119.

50 GAZETA Literária, novembro de 1761. p.337-339.

51 Idi.

52 Apud. RAMOS, Luis de Oliveira. Pombal e o Escravagismo. Revista da Faculdade de Letras.Lisboa, p.173.



desemprego entre os trabalhadores da metrópole. A lei ainda acrescentava que todos que aportassem no Reino deveriam ser libertados sem a necessidade de outra Carta ou alforria, nem de outro Despacho.⁵³ Vê-se que Pombal tinha uma visão clara da situação que não se harmonizava com a opinião de Bernardo de Lima. Deveriam ser libertos os escravos que aportassem na metrópole para serem comercializados, porém nas colônias esta hipótese estava fora de questão.

Preso por um fio e esgotada nos seus recursos, a imprensa periódica recebeu um definitivo golpe em 1768, quando da criação da Real Mesa Censória e da Imprensa Régia. Desde então, nenhum jornal é fundado na gestão pombalina (1750-1777). Somente com a “viradeira” em 1778 a Gazeta de Lisboa retorna as suas publicações.

As reflexões apologéticas

Sendo que o Ensaio sobre o Entendimento, obra publicada pelo ilustre inglês, constitui um dos mais belos e mais estimados livros do tempo atual, tomei a resolução de fazer-lhe observações, visto que, tendo meditado desde há muito tempo sobre o mesmo assunto e sobre a maior parte dos pontos nele trabalhados, acreditei que seria uma boa ocasião para publicar algo novo sob o título de Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano e para propiciar uma penetração favorável para as minhas idéias, colocando-as em tão boa companhia.⁵⁴

Nesse prefácio da obra de Leibniz, “Novos ensaios sobre o entendimento humano”, podemos perceber que se trata de um diálogo crítico entre ele e Locke. Até mesmo o título remete a uma resposta ao “Ensaio sobre o entendimento humano” do autor inglês. Esse momento da História das Idéias remete à grande polêmica das Idéias Inatas. O que importa salientar é o aspecto crítico desse diálogo. Primeiramente, Leibniz demonstra profundo conhecimento da obra de Locke e, depois, sobre a forma como situa a polêmica, que pode ser melhor caracterizada como a seguir:

Todavia, bem longe de discordarmos do mérito dos escritores célebres, prestamo-lhes testemunho ao manifestarmos em que e por que a sua autoridade prevaleça sobre a razão em certos pontos de importância; além disso, satisfazendo a homens tão eminentes, tornamos a verdade mais aceitável, devendo-se supor que é antes de tudo por amor à verdade que tais homens trabalham.⁵⁵

Em Portugal, esse processo se deu de forma diversa: a crítica é limitada por uma autoridade, representada por um determinado conjunto de autores como Tomás de Aquino, Duns Escoto, Aristóteles e sobre os manuais portugueses que se apoiaram nas obras destes autores. Foi publicada uma obra intitulada Reflexões Apologéticas a Obra Intitulada Verdadeiro Método de Estudar,⁵⁶ de autoria do frey Arsenio da Piedade.⁵⁷ Hoje, sabe-se que se tratava do jesuíta José de Araújo, que talvez tenha sido o maior opositor de Verney. As palavras de apresentação do editor denunciam os propósitos de sua publicação:

Houve entre os sábios da nossa corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quis desagrar o credito da Nação ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez, como monstro em si alimentou, mostrando com subtilíssimas Reflexoens os muitos erros, e alguns perniciosos, que pretendia simuladamente introduzir.⁵⁸

Para Niculao Francez Siorum, editor da obra de Arsenio, o título da obra é mentiroso, pois não tem nada de verdadeiro, a começar pela autoria. Arsenio também duvida da identidade do autor

53 Idi.

54 LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Novos ensaios sobre o entendimento humano. São Paulo: Nova Cultural, 1992. p. 3. A obra foi redigida entre 1701 e 1704 e foi publicada em 1765.

55 Id.

56 Merecem alguns comentários em relação a esta fonte. Um primeiro aspecto a salientar se refere à grafia do texto, o “s” e o “f” tem valores fonéticos idênticos, nas citações foram convertidos ao seu valor atual. Outro ponto fundamental é que a ortografia oficial do português estava em construção, o próprio Verney propõe uma série de alterações.

57 DIAS. Portugal e a Cultura Européia, op.cit, p.208

58 Palavras do editor Niculao Francez Siorum no prefácio da Obra Reflexões Apologéticas.



da obra, que na sua opinião não faz parte da ordem á qual diz pertencer, pois: “Ele bem se dá a conhecer, e já muitos o vão descobrindo, porque as Cartas são retratos, que representam o seu original; e assim como pela fala conhecerão por Galileu a S.Pedro.... assim pelo estilo desta útil obra se reconhece o Galileu, ou Galileus, que a ordenarão.”⁵⁹

O preconceito a Galileu revela-se uma grande barreira ao desenvolvimento do pensamento científico em Portugal, visto que os Historiadores da Ciência costumam considerar a sua obra como marco epistemológico da ciência moderna.

O frei Arsenio fica perplexo com as considerações de Verney no Verdadeiro Método a Duns Escoto e Santo Tomás de Aquino:

Entre os filhos de numerosa família Serafica houvesse hum, que se atrevesse a dizer mal de Escoto?...a audacia com que contra um gigante da sabedoria se atreve hum pigmeo, sem mais autoridade que a sua vaidade; e sem mais fundamento que o da sua idea, queira lançar fora das aulas das Universidades a tão grande homem. La fahe com quatro livrinhos Francezes, talvez, doze, para caberem no bolso, e mande Deos não sejão alguns nascidos em Holanda, ou Inglaterra, feitas criticas da moda...e o que direi da, fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz.⁶⁰

Na sua *Resposta as Reflexões* (obra escrita para se defender das críticas ao VM), Verney adota a estratégia do anonimato, fingindo desconhecer o autor das Respostas as Reflexões (que hoje sabemos ser de autoria de Verney):

E que doutrina tendes vós para falar a campo contra homem de semelhante erudição? E que dirá o autor, se lhe chegar a notícia, que respondestes desta maneira? Será possível que tenhais o atrevimento de dizer, que estudastes todas as materias que o crítico trata? Ou a vaidade de afirmar, que a sabeis, não digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as estudastes, nem sonhastes estudá-las, com que cara vos atreveis a falar nelas? Com que confiança abris a boca em materias, que nunca vistes? Que homem prudente poderá aprovar esta loucura?⁶¹

O que se observa é uma forte resistência ás chamadas idéias modernas.⁶² Para simplificar o carácter dessas obras, Arsenio os acusa de não possuírem firmeza na fé e de: “... concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores escolásticos, e como não podem com razões desfazer a doutrina, procuram desfazer nos Autores.”⁶³

Arsenio valoriza muito a autoridade dos grandes clássicos, e acredita que, necessariamente, só se torna um grande letrado através da erudição, e que não se pode deixar atrair pelas "promessas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficarão grandes letrados".⁶⁴ Existe um forte apelo político em suas argumentações. Critica os modernos como estrangeiros pertencentes a uma moda vinda da Inglaterra, França e Flandres.⁶⁵ Estes...

... fizerão os animaes viventes automatos, e insensíveis...tirarão a definição ao homem duvidando, que se defina ANIMAL RACIONAL...O globo da terra, que até agora tínhamos por redondo, appareceo ovado, e em continuo movimento na nova idea de Copernico, ficando o sol parado, sem ser a rogar de Josué; ao ar derão-lhe um grande pezo, e pobre da alma racional lá a prenderão na cabeça, sem consentirem, que visitasse as demais partes do corpo humano.⁶⁶

Aqui podemos perceber que Arsenio não admite a hipótese do movimento da terra, muito menos a idéia de homem como um animal racional. No entanto, não se aprofunda em suas críticas, mantendo sempre uma postura defensiva. Compara Verney a um alfaiate que: se aparece alguma

59 Reflexões Apologéticas, p.2.

60 Ibid. , p.2 e 3.

61 Ibid. , p.2.

62 Para Dias os dois aspectos que animam o Padre Araújo são: o primado da especulação e o culto da autoridade.p.210.

63 Idi.

64 Idi.

65 Ibid. , p.7.

66 idi.



coisa má ou menos ajustada, lá vai a tizourada...mas se a sciencia do mestre alfaiate é como a sua gaveta, onde se não acha pesa inteira, tudo são retalhinhos de bayeta, feno, seda, e de várias cores.⁶⁷

Ao criticar os desígnios da obra apontados por Verney, Arsenio sugere a criação de métodos para controlar os sistemas fluviais da cidade, construir métodos para concentrar as ruas, evitar roubos e mortes. Essa deveria ser a matéria mais útil e agradável para ambos os seus tomos. O autor sugere, então, o seguinte título para tal obra, que seria de maior proveito para a sociedade portuguesa: "Verdadeiro método de trabalhar".⁶⁸ Infelizmente, sabemos que, para a criação de tais métodos, se faria necessário um novo entendimento dos fenômenos da natureza.

Na sua Reflexão VIII, Da lógica Aristotélica, Piedade usa uma forma de argumentar bastante sentimental, e pouco racional, acusando Verney: "se soubesse onde estão seus ossos, era capaz de os mandar à queima". Aristóteles errou porque era filho de Adão - o primeiro pecador – e, por isso, está isento de seu engano (suas idéias sobre o peso do ar, por exemplo, pois pelo pecado ficamos sujeitos ao engano)".⁶⁹ As falhas, as dúvidas levantadas por Verney contra Aristóteles são "embaraços" causados pela falta de habilidade em discursar, saber fazer uso das chamadas "galanterias da Escola".⁷⁰ Para ele, a formação dos silogismos não contém erros, mas sim embaraços. Defende a Metafísica como o alicerce da boa doutrina, afirma que debaixo do ente metafísico se pode tratar toda a filosofia.⁷¹

Conclui que os argumentos de Verney, "nem prova contra os estudos da Metafísica, nem impugna os princípios Aristotélicos".⁷² Critica o elogio de Verney ao método experimental e reafirma que os instrumentos da mecânica não desfazem o Sistema Aristotélico, mas não explica realmente o porquê.

Da mesma forma, Piedade defende um contemporâneo seu, o padre Francisco Duarte, talvez o segundo maior adversário de Verney. Este critica a posição dos experimentalistas quando desprezam a causa dos efeitos, sendo estas de maior importância.⁷³ Nesse sentido, Duarte defende o que se costumava chamar de Física especulativa.

Para Piedade, o sistema de Descartes já estava morto havia séculos; e os Espanhóis, "que tem o juízo em seu lugar, proibirão o livro dele, e os mandarão sepultar na cova do desprezo". Para ele, melhor do que Descartes foi Platão, e o Sistema de Aristóteles era mais apropriado porque concordava mais com os dogmas da Religião:⁷⁴ "é a Teologia que mostra quais filósofos discurrerão bem, e quais os que se enganarão".

Piedade defende a fidalguia e nega que em quatro anos se possa aprender Filosofia, Ética, Cronologia, Geografia, Astrologia. Do seu ponto de vista, não há necessidade da experiência de viagens para outras partes do reino como requisito para se exercer cargos públicos, como defendia Verney: "é suficiente as notícias que vem de lá... as notícias e a boa capacidade são suficientes para os ministros e conselheiros".⁷⁵

67 Ibid. , p.8.

68 Ibid. , p.9.

69 Ibid. , p.27.

70 Ibid. , p.27. Ver Dias, p. .217." E quanto uns olhavam para as palavras e pensamentos rebuscados, subtis, ou caprichosos, como o non plus ultra da inteligência polida, dirigia-se o outro para a expressão racional e espontânea, pedida pelo neo-classicismo. Equivale isso a dizer, relacionando a pedagogia com a filosofia, que a oposição entre eles existente era, afinal, de mentalidades e de visões de vida."

71 Ibid. , p.29.

72 Ibid. , p.31

73 Crítica retirada de sua obra Retrato. DIAS, op.cit, p.213

74 Ibid. , p..33

75 Ibid. , p. 44 e 45. Esta crítica vai de encontro aos comentários de Verney para o perfil dos Conselheiros Ultramarinos.

O padre Arsenio da Piedade reivindica a precedência da Teologia perante as demais filosofias, ela possuía privilégio pelo fato de se preocupar com questões essenciais ao homem douto, ao contrário das perguntas que a nova Ciência propunha, relacionada à dinâmica dos corpos, à física, à matemática.⁷⁶ Daí a idéia de Verney de que: "... na Teologia se não introduza a razão natural, salvo se for necessária para explicar os dogmas."⁷⁷

Por outro lado, Arsenio defende que a ciência natural não deve ser tratada pela Teologia, pois: "... com que justiça são obrigados os Teólogos a trazerem sempre prezo o seu entendimento, para discorrerem em cousas que não são de fé? São melhores as especulações da bomba; pezo do ar, e a sua elasticidade?"⁷⁸

Este tipo de inclinação é associado à heresia, pois: "Aqui é, que se pode beber veneno".

Arsenio critica Verney também pela sua condescendência com os argumentos judios, que conseguem proteger a sua "perfídia", por isso peca por deslealdade com a fé. Também para com os comentários em relação às mulheres, onde propõe a sua inserção aos estudos. Para Arsênio, a razão que para isso aponta não presta.⁷⁹ Na opinião do crítico, as mulheres devem primeiro governar suas casas, e se lhes sobrar tempo, podem estudar um pouco para se "governarem bem". Pois nada vale a opinião de uma mulher que não queira primeiro governar sua casa.⁸⁰

Para concluir, pronuncia: "Deus guarde a V. Caridade, e o livre de semelhantes.

Conclusão

O Iluminismo pode ser compreendido por um debate que mobilizou novas idéias e novos conceitos que vieram à tona sob a forma de obras e livros. Alguns participantes desse processo se tornaram referência dentro da História das Idéias, como Newton, Locke, Voltaire, Rousseau, entre outros. O contato com esses autores, a compreensão dos temas discutidos e as opiniões construídas a partir disso, nos faz identificar Verney como um iluminista, movimento de idéias que deve ser compreendido sobretudo pela sua natureza crítica.

No início, conjecturou-se que a existência histórica desse ilustre português seria suficiente para caracterizar um movimento iluminista em Portugal. Porém, para haver Iluminismo, deve haver crítica, da forma como entendemos, crítica como leitura. Para tanto, deve haver uma "esfera pública literária", que é o elemento de ligação do texto com a sociedade. Acreditamos que a natureza crítica do Iluminismo está diretamente relacionada com a matriz social que lhe possibilitou o surgimento. No plano social, foram necessários determinados elementos que garantissem o afloramento de uma "esfera pública literária", como espaços de sociabilidade (cafés, salões, academias), e a impressão de livros. No entanto, sabemos que estes elementos sempre sofreram certo controle por parte do Estado. Mesmo assim, essa influência não foi determinante em todas as regiões da Europa, onde práticas e idéias convergiram em um debate crítico, onde os limites eram estabelecidos pelo critério da Razão, e não da autoridade.

Embora não exista um tipo puro desse fenômeno, procurou-se auferir o grau de aproximação do fenômeno histórico do Iluminismo, ocorrido em outras regiões da Europa, para o caso de Portugal. Na análise deste problema, não foi possível estabelecer uma univocidade ou uma adequação de sentido, conforme propõe Weber:

76 Ibid. , p.52.

77 Ibid. , p.52 Para Verney, a Teologia "é a ciência que nos mostra o que é Deus em si, explicando a sua natureza e propriedades, e o que é enquanto a nós, explicando tudo o que fez por nosso respeito e para nos conduzir a Bem-Aventura" Cf. Estudos Médicos, v.4, p.271.

78 Ibid. , p.52.

79 Aqui a razão esta dirigida à questões de costume, neste caso, um consenso sobre a condição da mulher nesta sociedade.

80 Ibid. , p.54.



Como em qualquer ciência generalizadora, é condição da peculiaridade das suas abstrações que os conceitos sejam relativamente vazios, frente à realidade concreta do histórico. O que ela pode oferecer, como contrapartida, é a maior univocidade dos seus conceitos. Esta univocidade alcança-se em virtude da possibilidade de uma ótima adequação de sentido, tal como é percebido pela concepção sociológica⁸¹

Na polêmica em torno do Verdadeiro Método, particularmente o texto de um de seus principais opositores, como foi analisado, representa carência de elementos que caracterizam o debate iluminista. A autoridade pesa mais do que o argumento crítico em seu discurso.

O papel da Universidade de Coimbra deve ser relativizado, quando se procura associá-lo ao conceito de Iluminismo. Embora estivesse permeável a todo tipo de idéias e fosse local privilegiado do conhecimento, oficialmente não se caracterizava pelo estilo livre dos debates críticos. E, em certa medida, seria possível estabelecer uma relação de oposição com o Iluminismo. Verney estava propondo a base de outra esfera de discussão, uma “república das letras portuguesas”:

Um homem que verdadeiramente é douto e tem pensamentos proporcionados não deve mostrar excesso sobre as pessoas com quem fala. Primeiramente, é ridícula e afetação introduzir textos latinos quando não são necessários. Ainda quando a conversação é erudita, se acaso não se faz expressa matéria dos ditos textos, é puerilidade e afetação dizê-los em Latim; porque deve-se entender que uma coisa é escola, e outra conversação.⁸²

O monopólio virtual da educação superior desfrutado pelas universidades foi posto à prova no século XVIII.⁸³ Além de possuir um programa disciplinar, o uso da razão neste ambiente era estruturado pelos valores de autoridade. A própria importância da Academia de Ciências de Portugal deve ser repensada, na medida em que era uma extensão das atividades da Universidade. A comunidade acadêmica de Coimbra, na sua especificidade, reflete a cultura portuguesa da época, marcada por uma inércia de debates, ficando à margem do processo de construção de um novo conhecimento sobre o homem,

Acima de tudo, a Reforma da Universidade está enquadrada dentro do projeto político de Pombal, uma política regalista, promovendo o avanço do Estado em direção aos demais setores da sociedade. “A Universidade, a partir da reforma, acabou sendo um organismo estatal, exclusivamente a serviço dos ideais éticos-políticos do próprio Estado”.⁸⁴ Não se duvida que a Reforma da Universidade tenha permitido colocar Portugal no mesmo nível da Europa “iluminada” do seu tempo, em nível de ensino. Questionamos a capacidade de Portugal de promover um ambiente de debates próprio do Iluminismo no século XVIII. Em contrapartida, não se nega a existência de iluministas como Verney. O indivíduo não é determinado pelas redes, tem margem de manobra, mas deve ser compreendido à luz da estrutura social na qual está inserido.

Entendemos que as sociedades do Iluminismo constituíram-se como um novo espaço público, uma modalidade alternativa de representações à parte do âmbito institucionalizado do poder político. Uma “esfera pública política” provém de uma “esfera pública literária” e se constitui

81 WEBER, Max. Fundamentos da sociologia. Porto : Rés. V.14, p.36-38.

82 V.M. Estudos Médicos Jurídicos e Teológicos, v. 4, p.129.

83 BURKE, Peter. Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. p.47. Para BURKE, “as universidades podem ter continuado a desempenhar sua função tradicional de ensinar efetivamente, mas não eram, em termos gerais, os lugares em que se desenvolviam as idéias novas. Sofriam do que já foi chamado de “inércia institucional”, mantendo suas tradições corporativas ao preço do isolamento em relação às novas tendências.” p.51. Sobre esta questão ver também DIAS. Op.cit, p.80

84 Op.cit. , GAUER, p.125.

em um espaço onde pessoas privadas fazem uso público da razão.⁸⁵ Nesse aspecto, é interessante a apropriação dos conceitos kantianos de “uso público” e “uso privado” da razão para analisar o Iluminismo. O uso que de sua razão faz um educador, em exercício de sua função, é uso privado, porque se trata simplesmente de uma reunião de família, por maior que esta possa ser (uma assembléia, um exército, um Estado).⁸⁶ A categoria de privado está relacionada à natureza da comunidade que faz uso do entendimento.⁸⁷ O espaço público se opõe ao privado, na medida em que este está relacionado à dominação. O uso público da razão constitui-se por um sábio que se dirige a um público que lê e escreve, está ancorado em uma comunidade que não está definida pelo seu pertencimento institucional.⁸⁸ “O público necessário para o advento da Ilustração, cuja liberdade não pode ser limitada, está constituído assim por indivíduos que possuem os mesmos direitos, que pensam por si mesmos e falam em nome próprio, e que se comunicam por escrito com seus semelhantes.”⁸⁹

Apesar da pluralidade semântica do Iluminismo, procuramos apresentá-lo de forma mais consistente, que permitisse uma comparação de Portugal com os centros mais expressivos da Europa. Iluminismo Católico, Iluminismo Reformista, Despotismo esclarecido, Iluminismo e Mercantilismo, estas formas de expressão, utilizadas por autores para caracterizar o que se passou no século XVIII português no campo das idéias, são conceitos que remetem a uma deformação do arquétipo de Iluminismo na sua expressão clássica. Acreditamos que as distâncias de Portugal em relação a esse processo se devem mais à fragilidade das instituições da “esfera pública literária” do que ao peso da religião na cultura portuguesa.

No pequeno recorte que fizemos do século XVIII português, não identificamos nenhuma institucionalização da idéia de cafés, salões e associações, nenhuma concepção de “público”, tão caras à realidade de uma “esfera pública literária”. Concluimos que existe impossibilidade de se compreender o Iluminismo como sendo simplesmente produto do conflito entre fé e razão e como resultado da luta contra o poder da Igreja, é muito mais complexo do que isto, principalmente para o século XVIII português.

Verney é a testemunha de que Portugal estava atrasado em relação ao que acontecia na Europa. Para que Portugal fosse iluminado, fazia-se necessário mais “conversação” e menos escola. O estilo livre, crítico, dependia de espaços de publicação, à margem do Estado, à margem da “reprodução social”.⁹⁰

85 CHARTIER, Roger. Espaço Público, Crítica y desacralización en el siglo XVIII : Los orígenes culturales de la Revolución francesa. Barcelona : Gedisa, 1991. p. 33.

86 Op.cit. p.38

87 idi.

88 idi.

89 idi.

90 Segundo Raymond WILLIAMS, só no século XVIII é que “arte” e “cultura” passam a ter o seu significado moderno de uma esfera separada da reprodução social, ou seja, uma esfera que possuía autonomia própria, sobretudo quando é transposta progressivamente ao longo do século XVIII para a forma de mercadoria. Cf. HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003. p.52.